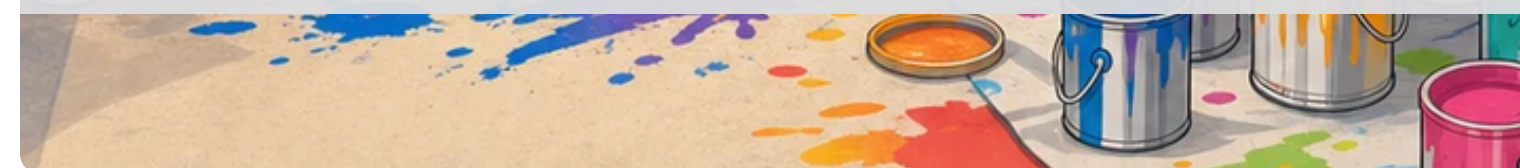




A Cor da Nossa Voz

NALU DA GRACA DE LIMA DE PAULA





Lucas entrava no corredor do sétimo ano com o coração cheio de expectativas e um caderno de desenhos debaixo do braço. Ele adorava criar histórias em quadrinhos cheias de heróis expressivos e cores vibrantes. Todos os seus colegas conversavam animadamente, marcando o início de um novo ciclo escolar.



Durante o intervalo, no entanto, alguns colegas começaram a fazer piadas de mau gosto e comentários preconceituosos sobre o cabelo e a cor da pele de Lucas. Os risos ecoaram pelo pátio, transformando o entusiasmo do menino em um silêncio constrangedor e doloroso.



Magoado, Lucas buscou refúgio sob a sombra de uma grande árvore no canto do pátio da escola. Ele olhava para as suas próprias mãos e para os seus desenhos, perguntando-se por que a sua identidade era vista como motivo de chacota.



Dias depois, a professora de arte anunciou um grande concurso de artes anônimo com o tema Quem Realmente Somos. Lucas olhou para a folha em branco na sua banca e percebeu que aquela poderia ser a sua oportunidade de falar sem precisar dizer uma única palavra.



Em seu quarto, sob a luz de um abajur, Lucas trabalhou incansavelmente desenhando uma história emocionante sobre um menino cujo brilho era obscurecido por sombras de palavras cruelmente ditas. Cada traço transmitia tanto a dor do preconceito quanto a beleza e a força da sua ancestralidade.



No dia da exposição, o corredor principal da escola ficou repleto de telas e murais coloridos. Uma multidão de alunos se aglomerou em volta da obra anônima número quatorze, fascinada pela intensidade das imagens e pela mensagem profunda.



Os mesmos colegas que haviam zombado de Lucas encaravam a história em quadrinhos em silêncio absoluto, reconhecendo as situações retratadas. Uma onda de remorso e compreensão tomou conta do grupo ao perceberem o impacto real de suas atitudes inconsequentes.



A diretora da escola subiu ao palco improvisado e anunciou a obra de Lucas como a grande vencedora do concurso. Quando o jovem caminhou até a frente para revelar sua autoria, um silêncio respeitoso se transformou em um aplauso caloroso e emocionado.



Em vez de apontar erros ou guardar rancor, Lucas pegou o microfone e convidou toda a turma para transformar aquela arte em um mural coletivo na parede da escola. Ele estendeu os pincéis aos colegas, propondo que todos reescrevessem juntos o futuro da convivência deles.



Dias mais tarde, os alunos pintavam juntos o grande mural no pátio, rindo e trocando experiências em um ambiente de verdadeiro respeito e unidade. As marcas do preconceito deram lugar a uma comunidade escolar mais empática, consciente de que a diversidade é a maior riqueza de todos.